


GRUPO DE TRABALHO EAPLA: UM OLHAR PARA AÇÕES MOVENTES DE ENGAJAMENTO POLÍTICO, HISTÓRICO, SOCIAL E EDUCACIONAL

Raimunda Gomes de Carvalho Belini  0000-0003-1256-5888
Universidade Federal do Piauí
raimundinhagomes@hotmail.com

 <http://dx.doi.org/10.35572/v21i2.2283>

Recebido em 14 de maio de 2021

Aceito em 19 de julho de 2021

Em um país em que as transformações sociais, culturais, históricas, políticas e tecnológicas, em pleno 2021, se revestem do crescente descrédito de cientistas e da ciência potencializadas pelas ações políticas negacionistas, de exclusão e de desrespeitos dos direitos humanos, o papel dos professores, especialistas, pesquisadores e cientistas, bem como das associações, das organizações e das instituições, especialmente, de ensino e de pesquisa adquirem cada vez mais importância e assumem um papel ainda mais relevante e urgente no combate a essas questões reguladoras, excludentes e extremistas.

Projetos políticos autocráticos como o que estamos vivendo em nosso país nos obrigam a buscarmos uma união de forças para, fortalecidos/as, estabelecermos diálogos profícuos, respeitosos e diversificados, firmando compromissos com o intuito de percorrermos os mais variados caminhos para a superação desses limites, sejam políticos, sociais, educacionais, que nos vêm sendo impostos.

Nesse aspecto, grupos de trabalhos como os da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), criados para consecução dos objetivos relacionados à pesquisa, constituem cada vez mais em espaços de grande relevância para a confluência dos pesquisadores, no intuito de robustecer propósitos coletivos.

Por meio de um profícuo diálogo para a consecução de tais propósitos e pensares, seguindo uma orientação crítica e desafiadora, voltada à aplicação dos estudos da linguagem, O Grupo de Trabalho Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada – EAPLA, da ANPOLL, tem se dedicado, desde sua criação, a importantes problemáticas de ensino e de aprendizagem, contribuindo significativamente para a construção do conhecimento nas áreas de Letras e de Linguística e, em especial, da Linguística Aplicada, para o agenciamento científico e social que objetiva atender aos chamados de lutas e de resistências.

O que une os membros do GT EAPLA, para além das agendas de trabalho, de estudos e de pesquisas, na área de ensino e de aprendizagem da Linguística Aplicada, é o importante objetivo de refletir sobre as dificuldades vivenciadas na prática de ensino de línguas, buscando teorias e metodologias que possibilitem discutir e compreender os

processos de ensino e de aprendizagem da leitura, da escrita, enfim, da comunicação linguística, tanto na língua vernacular como nas línguas estrangeiras modernas.

Com o intuito de conhecermos um pouco mais sobre as pautas, as discussões, as ações e os sentimentos moventes do GT EAPLA, da ANPOLL, que evidenciam um importante trabalho realizado ao longo de sua trajetória, propusemos esse diálogo, essa entrevista, que aqui chamamos de modo de interação, com as atuais Coordenadoras do Grupo, as Professoras Rita de Cássia Souto Maior Siqueira Lima e Maria Teresa Tedesco Vilardo Abreu.

Rita de Cássia Souto Maior tem uma ampla e sólida contribuição na área da educação e da Linguística, especialmente da Linguística Aplicada. Professora associada da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), na Graduação e na Pós-graduação, possui Pós-Doutorado, Doutorado e Mestrado em Linguística. Com ações e trajetórias que se conjugam às da docência e da pesquisa, a professora é Coordenadora do GT Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA), diretora da Faculdade de Letras da UFAL (2018-2021) e secretária da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN - 2020-2021). A professora Rita Souto Maior participa desse GT desde 2002 e é uma das líderes do Grupo de Estudos Discurso, Ensino e Aprendizagem de Línguas e Literatura (GEDEALL-UFAL) e integra, como participante, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (GEPLA-UFC). No campo de estudos e das pesquisas, a docente articula reflexões sobre o ensino e aprendizagem de Línguas (materna, estrangeira e Libras) e a abordagem discursiva de ensino, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Linguística Aplicada, desenvolvendo pesquisas, dentre outros temas de relevância, sobre estudos dos Letramentos; estudos das subjetividades e práticas sociais de linguagem; pesquisas das práticas identitárias; estudos de ethos e da argumentação; e estudos dialógicos bakhtinianos, com a publicação de diversos trabalhos (artigos, capítulos de livros, livros) sobre esses temas.

Maria Teresa Tedesco, com importante e ampla experiência em Linguística Aplicada, é Pós-Doutora em Linguística pela Universidade de Colônia, Doutora e Mestre em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Instituto de Letras, tanto nos cursos de Graduação quanto nos de Pós- Graduação *stricto sensu*. Nos anos de 2019 e 2020, atuou como Professora Visitante da Universidade de Heidelberg, Alemanha, subsidiada pelo Projeto CapesPrInt. É Vice Coordenadora do GT Ensino e Aprendizagem na Perspectiva da Linguística Aplicada (EAPLA), Vice-Líder do Grupo de Pesquisa SELEPROT (Semiótica, Leitura e Produção de Texto), Diretório CNPQ e Vice-Líder do Grupo de Pesquisa INTEGRA, Diretório CNPQ. A professora Tedesco tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa, atuando, principalmente, nos seguintes temas: ensino de Língua Portuguesa; uso e descrição da Língua Portuguesa; avaliações em larga escala, com uma importante contribuição teórica por meio da escrita e da publicação de vários artigos, capítulos de livros e organização e escrita de livros.

1. Em um país como o nosso, em que as transformações sociais, culturais, históricas e tecnológicas, em pleno 2021, se revestem do crescente descrédito de cientistas e da ciência e se caracteriza por ações políticas negacionistas, de exclusão e de desrespeitos dos direitos humanos, como avaliar o papel e a atuação dos Grupos de Trabalhos das associações científicas e de pesquisas?

RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR -

Antes de articular o papel dos grupos de trabalhos de associações científicas e dos grupos de estudos no contexto que você nos situa, queria falar um pouco desse contexto contemporâneo específico e do papel do discurso nele. De fato, compreendo, como bem inserido no questionamento, que vivemos um período de crescente descrédito das ações das cientistas e dos cientistas e da própria ciência, mas acrescento que há uma dimensão da ciência ainda mais desprestigiada. O prejuízo dos ataques às ciências humanas¹ é incalculável e esses ataques, cada vez mais crescentes, são consubstanciados em argumentos que, por sua vez, se valem muito explicitamente de uma lógica neoliberal

tecnicista rasa e descomprometida com valores sociais, com a melhoria da qualidade de vida para as/os mais afetadas/os pelo recrudescimento das relações humanas. Os discursos e os já tão citados discursos de ódio reverberam aos quatro cantos do mundo uma fala unívoca de “assepsia” das práticas sociais, de intervenção na vida coletiva de maneira a homogeneizá-la a favor de um programa de apagamento do direito às identidades sociais, de fortalecimento do estado mínimo e da desassistência às/aos menos favorecidas/os, econômica e socialmente. Nesse ínterim, negar a pesquisa, negar as diferenças étnicas, negar as rupturas sociais, negar a vacina, que é o único comprovado tratamento contra o Sars-CoV-2 (Covid-19), negar necessidade de políticas de acessibilidade e de inclusão das minorias, negar o preconceito estrutural que povoa nossos discursos e nossas práticas diárias, negar a necessária postura de preservação dos bens naturais em prol do protecionismo agrário são movimentos de contradiscurso que tentam desmerecer uma política de estado, pautada na igualdade de direitos, na contramão da democracia. E é nesse espaço de negativas que os grupos acadêmicos exercem um fundamental papel de estabelecer o diálogo vivo e positivo com a sociedade, por intermédio de suas pesquisas, da socialização da ciência e da apresentação de estudos que corroboram com posturas mais democráticas e humanizadoras. A Linguística Aplicada, nesse aspecto e na sua postura de implicação social (SOUTO MAIOR, 2021), é uma área que pode, a meu ver, contribuir com a

1 Em maio 2019, Abraham Weintraub, então ministro da Educação do Brasil, gerou polêmica em pronunciamento numa *live*, quando defendeu a redução de financiamento na área de Ciências Humanas, citando os cursos de Filosofia e Sociologia como exemplo de áreas que não dariam “retorno imediato” para a sociedade. Ele disse que redirecionaria os financiamentos para áreas que dessem esse “retorno”. O ainda atual presidente da república, Jair Bolsonaro, corroborou com essas afirmações complementando que o objetivo era: “focar em áreas que gerem retorno imediato ao contribuinte como Veterinária, Engenharia e Medicina”.

desfaçatez desses movimentos que negam a vida.

Para me aprofundar ainda mais na pergunta elaborada, parto agora de um recorte bakhtiniano, a fim de problematizar esses movimentos de negação. Dentro do viés teórico supracitado, a forma de existência de uma pessoa é intrinsecamente dialógica. Assim sendo, a pessoa no mundo não se encontra desvinculada desse bivocalidade que se estabelece, no que Bakhtin (2003; 2017) chama de interação discursiva. Nesse sentido, penso que devemos considerar que os grupos de trabalhos e de pesquisa são importantes espaços para o fortalecimento das ações que poderão, de certa forma, estabelecer essa tensão discursiva dialógica necessária para a construção de propostas baseadas na ciência e comprometidas com o coletivo. Poder agir no mundo é uma característica que não se restringe ao ser humano, mas somente esse ser reflete, repercute, reconsidera, registra ações e avaliações e acima de tudo planeja a partir desses movimentos. É no planejamento reflexivo, preenche de sentidos outros, que esses grupos atuam. O compartilhamento e a escuta sensível das pesquisas nos grupos repercutem em construções éticas com propósito de nos conhecermos mais e nos reconhecemos entre nós, a fim de desnaturalizarmos discursos que corroboram com a contramão da convivência e da vida.

A leitura aligeirada, solitária, ou tendenciosa e umbigofólica, sem a escuta sensível, provoca a mistificação de sentidos. Com as relações dialógicas, do encontro entre o eu e o outro (BAKHTIN, 2003), é possível provocar,

em cada ação linguageira de interação na arquitetônica dos discursos da vida vivida, a construção de um saber do ato ético (BAKHTIN, 2017). E é nesses espaços de grupos de ação acadêmica e nos desdobramentos sociais que eles provocam que encontramos força e movimento para modificar essa realidade.

MARIA TERESA TEDESCO - Esta é uma pergunta muito importante para as reflexões sobre nossa função como cientistas, pesquisadores nas diferentes áreas, especialmente, no que diz respeito à área de Letras e Linguística, que, a meu ver, está relacionada (ou tem relação direta) tanto com o ensino de língua materna e línguas estrangeiras quanto com o ensino de literatura. Primeiramente, há de se dizer que as sociedades científicas surgiram, em parte, em decorrência da necessidade de ampliar o contato e o conhecimento entre cientistas e como forma de se obter o aceite dos pares. O principal papel, por conseguinte, é de estímulo à produção científica, de criação de estímulos e de condições de desenvolvimento não só das pesquisas, mas também da profissão. Em seguida, a perspectiva de valorização da profissão de professor e de professora é crucial para termos profissionais de primeira linha que atuam na escola básica. É preciso não só investimento dos órgãos governamentais, mas também investimento individual para a formação desse profissional. A consequência será uma melhora do desempenho da escola, dos estudantes e, como retorno, a valorização profissional. Não considero que seja fácil, assim como não vejo uma relação

de um para um/ formação/ valorização. Entendo, no entanto, que este é o único caminho para mudar o desastroso quadro em que nos encontramos. O outro lado de minha resposta diz respeito à nossa atuação nos grupos de trabalhos. Fazer parte de um GT é termos a certeza de que não estamos sós, que nosso trabalho não pode e não deve ser individual, mas deve atingir a um coletivo, porque a ciência tem como principal finalidade perceber os fenômenos da natureza estudada. No nosso caso, esse entendimento passa não só pelo desenvolvimento das teorias linguísticas, por exemplo, mas, sobretudo, ao como podemos associar, aplicar essas teorias à prática de sala de aula, o passo mais difícil da área. Eu diria: um passo hercúleo. É notório que, ainda, precisamos de muito para avançar neste sentido. Temos um país com milhões de analfabetos; um país com milhões de analfabetos funcionais. Temos um número acentuado de escolas e de professores que entendem que escrever é ensinar o modelo de um e outro processos seletivos de acesso à Universidade; os resultados brasileiros nas provas de larga escala, aplicadas em diferentes níveis de escolaridade, da classe de alfabetização aos egressos da graduação, anunciam que o estudante brasileiro não tem habilidades de leitura mais “refinadas”, sem falar nas habilidades de escrita. Portanto, nossa função como membros de Associações de Grupos de trabalho é pensar sobre como estreitar os laços entre a Universidade, o científico, e a escola básica, o chão da escola, única condição, a meu ver para que as desigualdades sociais brasileiras sejam reduzidas (a zero). Neste sentido, penso

que nosso GT EAPLA vem refletindo muito sobre essas questões e conduzindo, nos diferentes cantos deste país tão rico, tão lindo, algumas iniciativas.

2.Há muitas, consistentes e significativas pesquisas em Linguística Aplicada que focalizam estudos no âmbito da escola e revelam a importância de mudanças político-educacionais para as escolas na atualidade. Quais as principais contribuições do GT EAPLA no âmbito da Linguística Aplicada, no Brasil, que colaboram para a construção de mudanças necessárias às políticas educacionais brasileiras?

RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR -

Antes de tratar especificamente da pergunta, vou novamente destacar um dos pontos bem interessantes da questão formulada: o que significa estar no campo da Linguística Aplicada e também gostaria de refletir sobre o que é ser pesquisadora e pesquisador nesse campo sem pensar em extinguir a discussão. Meu propósito é mais provocar reflexões sobre a área a partir das experiências que vivenciamos no GT. Posso iniciar a proposta, considerando que é possível compreender que a Linguística Aplicada (doravante LA) é uma área de atuação que focaliza a linguagem na prática, situando-a política e socialmente. As observações de pesquisas consideram a língua no seio social de seu acontecimento, nos espaços nos quais as pessoas estão em processo de interação, no sentido micro (situado na práxis), mas também no sentido macro (das relações sociais mais amplas). Os

estudos em LA, de um modo geral, integram as comunidades com as quais atuam e os discursos e as ações que constituem essas comunidades, como elementos fundamentais nas suas pesquisas. Os estudos em LA tendem a retomar os significados construídos no contexto pesquisado, mas também se renovam em outros significados de mundo e os reconstrói nas reflexões teórico-práticas de uma postura assumidamente de alteridade. As práticas descritas nos estudos e as interpretações sociais dessas práticas aprofundam mais ou menos, a depender dos objetivos de estudos, essa relação dialogal entre pesquisa e sociedade. Essas pesquisas na nossa área instituem, a meu ver, uma pesquisadora responsiva ou um pesquisador responsivo (SOUTO MAIOR, 2013) ou implicado/a (SOUTO MAIOR, 2021). Por esse motivo, entendo que a produção científica, nos estudos da linguagem, é profundamente propositiva, estando explícito ou não possíveis encaminhamentos.

Assim sendo, o contexto, as performances de participação e os sentidos que perpassam cada passo de pesquisa nesse campo surgem como horizontes que a implicam na política de mudança da realidade social. Ao mesmo tempo em que a LA mesma assume construir narrativas sobre a vida nas suas pesquisas, propõe, também, desnaturalizar verdades construídas por uma pretenciosa construção de verdade monológica, que transforma interesses hegemônicos em certezas. Não posso deixar de citar Harvey (2014, p. 207), quando esse considera que a hegemonia ideológica e política na sociedade depende “da capacidade de controlar o

contexto material da experiência pessoal e social”. Logo, a pluralidade de vozes é o enfoque dos resultados em pesquisas em LA. Entendo que, em rede, é possível construir saberes comprometidos com a reflexão sobre a vida. Essa postura de observação, ação e reflexão sobre a ação é o que promove as mudanças para as políticas públicas, não só educacionais. O espaço de construção da pesquisadora e do pesquisador na LA para a produção de sua pesquisa é o campo de estudo, que se relaciona com o espaço do contexto de atuação. E o EAPLA, com pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, promove exatamente essa articulação de saberes, seja em ações pontuais entre os Programas de Pós-graduação (projetos para editais em agências de fomento; convites para bancas de defesas; coorientações em dissertações e teses; convênios interinstitucionais etc.), seja nas parcerias mais individualizadas (composição de mesas em eventos, convites para produções de autoria compartilhada; etc.).

MARIA TERESA TEDESCO - De verdade, creio, que a primeira contribuição é pensar na necessidade de existência de um grupo forte, que abrigue participantes, professores de diferentes estados, reunindo pesquisadores de diferentes universidades brasileiras que reflitam sobre os “gaps” existentes, e que requerem de nós, pesquisadores,” opções de soluções”. Neste sentido, nossa caminhada como GT não foi fácil. Tivemos intempéries no percurso, fundamentais para nosso amadurecimento como grupo. A tomada

de consciência de nosso papel, bem como a ampliação dos membros efetivos, se constitui em forte contribuição das gestões anteriores, sobretudo, na gestão anterior a da Prof.^a Rita de Cássia. Além disso, nossas publicações, anunciando questões relevantes para o ensino, também, caracterizam nossa contribuição. Por exemplo, no último ano, fizemos encontros coletivos de divulgação de nossas posições acerca do ensino/aplicação. Membros diferentes atuam em palestras, conferências, disseminando suas pesquisas, suas ideias. Um outro ponto importante são as orientações de trabalhos de mestrado e de doutorado dos estudantes de Pós-Graduação, predominantemente, professores que procuram as nossas universidades para a sua formação *stricto sensu*. Essa é uma profícua forma de disseminação da ciência linguística. Precisamos ir além: atuar nas diferentes frentes que lidam com as questões de educação, de ensino de línguas tanto em nível municipal, quanto estadual ou federal. Alguns de nós atuamos, neste sentido. Sabemos, no entanto, que essa inserção tem um caráter muito mais político do que científico, o que significa dizer que não depende, apenas, dos membros de uma Associação.

3.A ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística) assim como a ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) e a ALAB (Associação de Linguística Aplicada) assumem um importante papel no agenciamento e disseminação das pesquisas desenvolvidas no âmbito da Linguística, no Brasil. Como a

Senhora avalia o diálogo e a cooperação entre essas associações na disseminação dos conhecimentos acadêmicos e científicos?

RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR -

As associações, a meu ver, são espaços institucionalizados que, num primeiro momento, podemos pensar que cancelam a divulgação dos estudos das áreas ou área que as compõem, mas que também impulsionam novos caminhos e sistemáticas para as pesquisas, visto que discutem políticas de atuação social. As associações são formas essenciais de nos situarmos como um coletivo que vivencia as vozes sobre as quais falei anteriormente. As associações especificamente citadas na pergunta, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, a Associação Brasileira de Linguística e a Associação de Linguística Aplicada, tiveram papel fundamental nesses últimos quase dois anos de Pandemia, por exemplo, quando se readequando ao modelo de vida que se impunha, foram fortes ilhas de atuação de divulgação científica, mas também de representação ideológica de resistência social. As ações propostas não foram espaços em eventos apenas, mas principalmente estabeleceram culturas de representatividades diante de situações críticas que, com a pandemia, se impuseram e se intensificaram nesse período.

Especificamente sobre a Anpoll, fundada em 1984, socializo, de acordo com sua resolução vigente (no seu item II, artigo 3º)², o que ela preconiza como

2 Fonte: Regimento da Anpoll: Disponível em: <https://anpoll.org.br/anpoll2019/wp->

sendo o conjunto de finalidades e objetivos a partir dos quais deve se pautar:

I - incentivar o estudo, o ensino e pesquisa no âmbito da área de Letras e Linguística;

II - promover a divulgação de intercâmbio de trabalhos científicos produzidos na área de Letra e Linguística;

III - estimular os debates, o estudo e a pesquisa que venham a **contribuir para a solução dos problemas nacionais afetos à área de Letras e Linguística;**

IV - promover o intercâmbio docente e a cooperação entre as instituições de pós-graduação e pesquisa, nas áreas de Letras de Linguística;

V - **apoiar iniciativas de seus associados e diligenciar o apoio necessário junto às agências de coordenação, de fomento e de financiamento da pós-graduação e da pesquisa,** existentes no país e no exterior.

(grifo meu)

Sua função de congregar Programas de Pós-graduação no Brasil em diferentes categorias, sobre as quais não vamos nos debruçar aqui, e dispor de GT's, é uma forma de garantir a visibilidade das Letras e Linguística no país, pautando objetivos comuns, mas também reconhecendo diferenças, visto que pelo que venho presenciando nos últimos anos junto à associação e através do que é possível ver nos destaques na citação acima, não se pretende pensar a associação como

fechada nela mesma. Insisto que “Contribuir para a solução de problemas nacionais” e “apoiar iniciativas além de diligenciar apoios” suscitam espaços de renovação em diálogo com as/os associadas/os. E, posso dizer, são vários os dispositivos normativos que atestam, na mesma resolução supracitada, o que afirmo neste momento.

Em todo caso, o diálogo entre as associações, foco da questão em tela, vem construindo importantes ações políticas, a exemplo da Carta Aberta das associações nacionais de Linguística e Literatura do Brasil, de abril de 2020, e da Nota em Defesa da Capes, que foi publicizada em abril de 2021, documentos que as três associações assinam concomitantemente. Logo, percebo articulações políticas e associativas entre elas que só multiplicam aquela força citada no início dessa resposta.

MARIA TERESA TEDESCO - Avalio como fundamental a existência dessas associações, bem como o diálogo para a disseminação de nosso saber, tão fundamental: Associações e Universidades precisam estar juntas em prol do saber. Temos de estar unidos! As iniciativas da ABRALIN na gestão dos últimos anos relativas à disseminação da ciência linguística foram fundamentais para “abrir a caixa-preta” de nossas pesquisas. A ANPOLL, com a disseminação do que acontece na pós-graduação brasileira é outro ponto essencial, reunindo pesquisa e ensino/ divulgação. No mesmo caminho, temos a ALAB. Recentemente, a ALAB fez um documento direcionado ao MEC, posicionando-se sobre o ensino de

content/uploads/2021/07/EstatutoRegistradoANPOLL-14_04_2021-1.pdf . Acesso em 02 de dez. de 2021, às 18h44.



língua estrangeira, que reverberou positivo no Órgão Federal. Há muita luta por vir. Aliás, como sempre. Este coletivo para mim é de suma importância para mudarmos o curso da educação no Brasil. Lembremos: Uma andorinha só não faz verão.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Para uma filosofia do ato responsável*. 3. ed. São Carlos: Pedro e João editores, 2017.

HARVEY, Z. *Condição Pós-moderna*. 25. ed. São Paulo: edições Loyola, 2014.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. *Pensamento Bakhtiniano nos estudos da linguagem: a ação do pesquisador como ato responsável*. *Polifonia*,20(27):31-53. 2013.

SOUTO MAIOR, Rita de Cássia. *A Linguística Aplicada e a implicação na pesquisa: uma leitura bakhtiniana*. Mimeo. 2021.